



O Gaiato

Quinzenário * 23 de Julho de 1983 * Ano XL — N.º 1027 — Preço 7\$50

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Pai Américo

O livro OBRA DA RUA

● 3.ª EDIÇÃO — ACTUALIZADA

Dia 28 é aniversário da sua ordenação sacerdotal.

Estou em retiro orientado segundo o espírito do P.e Carlos de Foucauld. Encontro-me constantemente com Pai Américo e relembro aquela voz de um outro sacerdote, douto e comprometido com Cristo, que uma vez me disse: «Quando alguém se debruça sobre a espiritualidade do Padre Américo, isso é que vai ser...!» (guarda a exclamação tal qual, exactamente pelo seu estilo espontâneo, tão oral, tão «americano!»)

Quando se fala na espiritualidade deste ou daquele, a expressão possessiva só tem validade se esse mergulhou no Evangelho e expira d'Ele o que d'Ele inspirou durante o mergulho. (Tal como a baleia faz, ao voltar à superfície, resfolegando o forte jacto de água que lhe não pertence.)

O próprio Jesus se apresentou como enviado do Pai, de quem é a Doutrina que ensina, a Vida que vive, o Espírito que comunica. Se assim é com o Mestre, como não há-de ser com os discípulos?!

Nenhum homem de Deus disse ou fez algo de novo senão apenas repetir a seu modo aquilo que o Mestre disse e fez; e prometeu aos seus seguidores fiéis que haviam de fazer, como Ele e mais do que Ele. A primeira condição é deixar-se queimar pela Humildade do restolho inútil que sempre vai surgindo o húmus que Deus dá. Depois, abrasado por Cristo, deixá-lo semear. «Pode o discípulo não ter carismas sensíveis nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas é da mesma paixão e gasta-se como Eles a revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo.»

«Pode não ter carismas sensíveis...» Deus dá-os a quem quer, quando quer. Mas o homem de Deus, humilde e apaixonado, até os tem. E este, justamente, de «revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo!» — tarefa tão urgente quão difícil ao obreiro comum do Evangelho, cumprida com facilidades de «ovo do Colombo» pelo homem de Deus, quero dizer, o homem que, esco-

lhido por Deus, aceitou sê-lo sem discutir razões. Que, às vezes, até discutem!, como o Profeta Jeremias:

«— Senhor, eu sou uma criança que não sei falar. Só sei dizer: ah, ah, ah!

— Vai e Eu te darei a palavra que hás-de dizer e a fortaleza com que hás-de enfrentar aqueles que te afrontarem.»

E ele foi e disse e enfrentou e suportou as afrontas que lhe estavam reservadas.

Uma chamada para os que, hoje, abusam do fenómeno profético sem distinguir entre o idealista, porventura generoso, bem intencionado, e o Humilde que vai à força de Deus! Que o Profeta não é um homem de ideias, empolgado por valores autênticos como a verdade e a justiça, senão um comprometido com uma Pessoa identificada com esses valores, é certo — Cristo, o Justo, a Verdade.

Que «ideia é boa, sim, seja qual for, se nela pões teu sonho e teu amor» — canta o poeta — mas sempre será ideia, a ideia de um homem! E a ideia

de Deus paira acima das nossas quanto o Céu sobre a Terra.

Deus é Amor e o seu Pensamento da mesma espécie. Os Profetas são sempre missionários do amor de Deus aos homens, a todos os homens, ainda quando os Seus oráculos são duros de ouvir. A Sua mensagem, geralmente não lisonjeira, é sempre Palavra de Salvação. Traz aos errantes a luz da Verdade; aponta aos que laboram na injustiça as pistas da Justiça. Há os que escutam, se arrependem e «preparam o caminho do Senhor»; há os que recusam e mantêm tortuosas as suas veredas. A uns e outros dá Deus a mesma oportunidade. O homem, criado livre à Sua imagem, poderá sempre responder-lhe: sim ou não. Mas Deus é paciente: teima, vai teimando... Castiga agora..., afaga logo... Os Seus Profetas, que Ele suscita quando quer, onde quer, entre quem quer, são os grandes educadores da Fé. São sempre pelo homem, por todos os homens; nunca contra homem algum.

Cont. na 3.ª pág.

Com licença presumida, optámos por enviar o livro OBRA DA RUA a todos os assinantes da nossa Editorial, porque é uma (terceira) edição actualizada e são mais os que pedem a remessa de todos os volumes saídos do nosso prelo do que um ou outro só interessado em primeiríssimas edições.

Nunca, como agora, a expedição de um livro se processou com tanta rapidez e eficaz! Até porque seguiram mais de 5.000 volumes nas malas dos CTT...

Já estamos a aviar dezenas e dezenas de requisições de todos os títulos da nossa Editorial (11 com 16 volumes) expressas nos postais RSF (resposta sem franquia) que o distribuidor dos CTT traz diariamente e são logo despachadas para que um ou outro leitor aproveite, como delícia, nesta época de férias.

Se já tínhamos um ou outro volume esgotado, no entanto pronto a entrar no prelo (caso do Porta Aberta), com a precisão de pedidos talvez esgotemos o Calvário, O Lodo e as

Estrelas, o Ovo do Colombo... Daí, quem primeiro chegar, beneficiará.

Recebemos montes de correspondência por mor do OBRA DA RUA! E Amigos há — que mal nos conheciam... — afirmando que ele saiu na hora própria, pois traça uma panorâmica histórica da Obra, na linha doutrinal em que se apoia: o Santíssimo Nome de Jesus — Pedra Angular.

A primeira carta — mais explosiva — chega da Lusa-Atenas! Caso curioso: a Obra da Rua... nasceu aí, na década de trinta, pelas dores e misérias que Pai Américo topava nos antros de Coimbra. Ouçamos:

«Recebi, com muito gosto, um exemplar da terceira edição do OBRA DA RUA, do nosso sempre presente Pai Américo. Mais uma peça preciosa vai enriquecer a minha singela biblioteca. Cada palavra que o Pai Américo escreveu é uma lição. Os seus textos estão cheios de jóias apanhadas no lixo da rua! O que outros deitaram fora... Pai Américo procurou, e converteram-se em jóias — com mais valor do que aquelas que estão nas montras das ourivesarias — que se multiplicaram há mais de quarenta anos. Estes jovens, já recuperados, são agora cidadãos respeitados e alguns com família constituída. O que seria se Pai Américo não tivesse lutado contra as injustiças humanas que vitimaram essa pobre juventude?! Seriam marginais, entregues aos vícios, ao crime.

(...) No mundo em que vivemos, qual selva de cimento armado, continua a existir o mesmo mal de sempre, embora ilusoriamente numa pintura diferente. Porém, o quadro é sempre o mesmo: miséria moral, miséria material. Só misérias!

Os males do mundo não têm cura? Só pedimos a Deus que nos dê vigor para combater esta luta até ao fim dos nossos dias. Sou realista: não espere-mos vencer esta guerra. Só a conseguiremos suavizar, e atenuar um pouco, com a nossa vontade de distribuir amor pelo Próximo, pelos mais carenciados, pelos inocentes — vítimas desta maligna sociedade de consumo.»

Júlio Mendes

O Néné, da Casa
do Gaiato de Lisboa
(Santo Antão
do Tojal), no dia
em que recebeu
o sacramento do
Baptismo.
É uma flor
entre as flores!
A Graça divina
transparece da sua
face. Comunica
a Alegria que
transborda
do seu coração.



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Uma Viúva maiata ofereceu, oportunamente, uma cadeira de fabrico alemão para um Pobre, vítima de doença coronária.

É um homem pesado; e o veículo, apesar de robusto, cedeu um pouco — avariou.

A mulher do doente vem logo por nós, aflita:

— O conserto fica muito caro, p'ra cima de cinco notas!

— Mandé fazer a reparação.

Uma lágrimazinha assoma nos olhos dela, comovida. Foi um desfiar!

— V. sabe q'ele vai sempre, mais eu, contente, p'ra todo o lado... Gosta d'ir prò campo onde eu trabalho: a sachar milhão, a arrancar batata.

Gosta de estar ò pé de nós, a ver... Agora, sem o carro, não é ninguém!...

Como temos de saber ouvir, deixámo-la desabafar:

— O conserto é um alívio! Graças a Deus! Os Probes são assim; têm de s'acorrer à misericórdia...

E continua, d'alma aberta:

— Ind'agora foi precisa uma cadeira p'ra ele fazer as necessidades... — Já está pronta?

— Ficou muito cara! Está tudo a subir todolos dias...! A gente vê-se negra p'ra aguentar a vida!...

● Aquela Viúva — com uma data de filhos diminuídos mentais — cujo processo de pensão de sobrevivência foi iniciado pelo Montepio dos Servidores do Estado no segundo semestre de 1979, recebeu agora comunicação para levar os ditos a junta médica, ao Porto, para conclusão dos trâmites burocráticos. Já não é sem tempo: quatro anos depois!

Trazia duas filhas pela mão, numa inquietação permanente, agora de férias porque internadas num estabelecimento hospitalar em terras do Alentejo. Os outros doentes — que têm dado à pobre mãe tão mau viver, verdadeira cruzifixação! — estão, de novo, aos cuidados médicos de um hospital psiquiátrico. Não podem, é evidente, cumprir a ordem burocrática. Alternativa: a mãe levar uma declaração confirmando o estado de saúde de cada um. Chegará?!... Naqueles lugares, porém, onde os papéis afogam o sentimento, a alma — o próprio Homem — deveriam propor essa opção, sociologicamente mais lógica, racional (a linguagem evangélica poderá não ser entendida...): o doente pode, ir; não pode, o estabelecimento hospitalar assumiria clinicamente, oficialmente, a responsabilidade do diagnóstico.

— Ai! meu Deus, tantas voltas q'a gente dá, sem poder!... — desabafa, uma vez mais, a pobre Viúva.

Outras (e outros) se queixam da mesma maneira, pelos mesmos impecilhos. A voz dos sem-voz nem sempre é ouvida em muitos sectores da vida nacional!

● Quem anda por lá sabe que a tuberculose tem grande incidência junto dos Pobres, qual doença da fome — como se dizia na década de 40.

O surto epidémico — que fora debelado — está a reacender! Já topámos um ou outro caso, em nossas acções, nos arraiais da pobreza, porque, na verdade — como afirma um quadro superior do SLAT (Serviço de Luta Antituberculosa) — o mal é devido às «condições sócio-económicas em que vive a maioria da população portuguesa, às precárias condições de habitação e às consequentes probabilidades de contágio e propagação da doença». Alerta mais ainda: «A manterem-se estas condições não há serviço de saúde especializado, por maior que seja a sua eficácia, que lhes possa valer». Por fim, completa o diagnóstico da situação: «Portugal tem a mais elevada incidência de tuberculose da Europa e sua rede de cuidados primários de Saúde é, ainda, nascente, em vias de instalação e longe de ser testada na sua eficiência». Afirmações de um responsável — a nível oficial.

Em suma: com a subida do custo de vida — e pela fome que seria, aqui e ali, em crescendo — não temos outro remédio (o principal...) do que barrar o caminho ao bacilo, nas famílias pobres, com mais pão, mais leite — o necessário à sobrevivência de cada um.

PARTELHA — Assinante 30848, de Paço de Arcos, remanescente do contributo para O GAIATO. Espinho: cheque da Rua 20, «contribuição para a Conferência, relativa ao segundo semestre de 1983». Perseverança! Mais um cheque, de Lisboa, pela mão de «uma leitora de O GAIATO», para dois casos de Autoconstrução, envolvido nesta delicadeza: «Grata pelo incómodo a que se presta como intermediário...» Ainda de Lisboa, vale de correio da Avenida da Liberdade e um documento d'alma:

«Esta quantia destina-se a financiar o tratamento aos olhos daquela mulher nova que fala n' O GAIATO. Explico-lhe o perfil desta quantia: é precisamente a das lentes de contacto rígidas (as moles são ainda mais caras...) que eu uso em vez de óculos, porque me acho feia como uma bruxa, de óculos!... Ora acho que se posso dar para a minha vaidadezinha..., também posso dar outro tanto para essa pessoa que precisa tratar-se.»

A Caridade cristã é assim mesmo, sem tirar nem pôr!

Mais 1.000\$00, de Penafiel, para o mesmo problema — e um voto: «Só peço que o Pai Américo interceda junto de Deus para que dê saúde a meu pai e a meu marido — tão carenciados».

Fiães (Feira) mais um cheque «para a Conferência — para alguém mais aflito» — com o pedido de anonimato. Esta foi sempre — e será — a procissão dos Anónimos; a mais querida aos olhos de Deus, a mais rendível no Livro da Vida.

Laranjeiro (Almada), outro cheque para determinado fim — «ou para qualquer outra necessidade da Conferência». É assim o Bem, bem feito!

Visitante amigo, da Foz do Douro, deixa 2.000\$00 em nossas mãos. Durban (África do Sul), os 10 rands habituais. Mais perseverança! Moreira da Maia, 1.000\$00 em sufrágio da «alma de pessoa querida, cujo aniversário ocorreu a 17 de Junho —

para alguma das muitas necessidades da Conferência». Que bela oração!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Nestes dias o tema dominante, em nossa Casa, tem sido a agricultura. Depois de postas as estacas no feijão, regámo-lo e tem bom aspecto. As abóboras também já estão em pleno crescimento, pois foram sachadas e regadas. Começámos a arrancar batata na quinta-feira, quando chegou um grupo da praia, exclusivamente para este trabalho. Depois, tivemos de interromper a tarefa para regar o milho e arrancar batata, até às 9h da noite; enquanto outros começaram a limpar a vinha.

Um fim-de-semana em cheio! Além da batata arrancada (4.500 Kg, por sinal boa e poucas podres) ficou a vinha amanhada para o resto do ano.

Agora só falta prosseguir com o tratamento das videiras e das árvores de fruto, para termos bom vinho e boa fruta.

Ao fim do dia de sábado, fomos tomar um banho merecido. Estávamos cheios do pó. Depois da oração e do jantar o grupo da praia seguiu para Mira, agora mais volumoso.

TERRAS NOVAS — Como já se disse, foi inaugurado um busto de Pai Américo, aqui junto de nossa Casa, numa nova avenida que passa no meio da nossa quinta, e nos tirou uma grande percentagem de terra.

Em contra-partida, já temos outras terras com maior extensão e, também, muito boas, que adquirimos, através da Câmara de Miranda do Corvo, a outras pessoas amigas que nos ajudaram muito para as podermos possuir. Para elas, o nosso muito obrigado.

João Paulo

Paço de Sousa

FUTEBOL — A nossa presença no torneio tem sido notável em todos os aspectos. Aguardamos o último jogo para defrontarmos o vencedor da Série B, a fim de se obter o vencedor.

No derradeiro encontro defrontámos a equipa de Santa Luzia, jogo bastante disputado durante os primeiros minutos. No início da segunda parte, a nossa equipa tomou conta das operações e o resultado final foi a nosso favor: 3-0.

Nesta altura, já a pensarmos na jornada final, desejamos que todos os nossos atletas se dediquem, com a mesma vontade, à luta pelo primeiro lugar.

MAIS VISITANTES — Este tema tem sido frequente nas últimas edições da crónica de Paço de Sousa. Mas é um ponto que tem de ser reve-

lado porque as visitas à nossa Aldeia são diárias, o que nos dá muita alegria e satisfação sabermos que, neste nosso Portugal pequenino, existem tantos corações bons, que sentem em sua alma o sofrimento dos mais pobres.

Agradecemos o carinho e dedicação de todos quantos nos querem bem.

Nós somos a Porta Aberta!

AGRO-PECUÁRIA — A agricultura e a pecuária são temas encantadores da nossa Aldeia. Muitas vezes não há palavras que consigam descrever a beleza que os nossos olhos contemplam.

Contudo, vou descrever, um pouco, de como vai a nossa agro-pecuária: As nossas vacas são, agora, vítimas de uma peste que nos tem preocupado muito. As consequências podem ser amargas...

Esperemos que tudo isto não passe de um susto. Caso contrário, o prejuízo será elevado e o desgosto ainda maior.

Na parte agrícola as coisas vão bem, quanto a sementeiras; e as videiras apresentam um belo aspecto, pelo que iremos ter — se tudo correr bem — uma boa colheita.

OBRAS — Mais uma parte das nossas obras estão concluídas: calcetamento de vários lugares da nossa casa-mãe, que formam a ligação ao hospital e garagem, partes que bem necessitavam de calcetaria, pois a chuva tornava tudo elameado, o que vinha a dar muito mais trabalho a todos os que cuidam e zelam por esse belo recanto da nossa Aldeia.

APROVEITAMENTO ESCOLAR — O ano lectivo da Escola Primária e Telescola chegou ao fim.

Esta é a altura indicada de cada um fazer uma breve reflexão sobre o trabalho desenvolvido durante o ano findo. Em muitos rostos vemos a alegria do aproveitamento e dedicação aos livros; noutros, é a tristeza do tempo perdido — e nalguns por culpa própria, pois têm capacidade bastante, mas a preguiça conseguiu vencer e fazer perder uma etapa que amanhã... será necessária.

16 DE JULHO — Comemorámos o 27.º aniversário do falecimento do nosso querido Pai Américo.

É com grande alegria e dedicação que todos nós, nesta data, reflectimos um pouco em tudo o que o nosso querido Pai Américo fez pelos Pobres.

Neste dia deixaremos a nossa Aldeia e vamos passar o dia fora da nossa vida, do dia-a-dia.

Na hora em que escrevo, o que está programado é uma deslocação ao Rio Douro, visita ao Palácio de Cristal, bem como outras coisas que, de momento, não estão confirmadas. Contudo, na próxima edição, com todo o gosto descreveremos aos nossos queridos leitores o que foi o dia 16 de Julho para a nossa Comunidade.

Praia de Mira

É o sol, o mar, a areia.

São os barcos mais os pescadores, até os bois e os banhistas que dão vida a este sítio cativante para férias.

E nós? Nunca dissemos não; mas sempre, sim. Então sempre pusemos à «coca» o nosso nariz para farejar esta aragem da praia. Que boa! É formidável passar uns belos dias à beira-mar; uns belos dias à beira do sossego...

Como sempre, no dia 25 de Junho, um grupito, com as duas carrinhas cheias de mantimentos; rodámos até ao nosso cantinho acolhedor. Começámos por limpar, limpar e limpar...

Eram caracóis, era areia, pó; enfim, lá andámos para aqui e para ali, de vassoura, panos, baldes e os olhos mais as mãos. Os três «Batatinhas» mais um amiguinho de Coimbra — o Jorge que veio juntar-se a nós passar uns dias à beira-mar — começaram logo a brincar, e os outros...

— Tu pegas na vassoura e vais começar a varrer as camaratas...

— Tu agarras num balde e na serapilheira e toca a limpar o chão...

— Senhora M. do Rosário onde estão os panos?...

— Estão num saco preto...

— Eh! pá; descarrega a carrinha...

Eram cobertores, lençóis, toalhas, fronhas, caixotes e mais caixotes, sacos e mais sacos, andanças e mais andanças!

Os vendedores também tinham que chegar! Segunda-feira, o Pedro mais o Isidro vieram de aconselhar os nossos Amigos de Cantanhede a lerem O GAIATO, a meditar um pouco. À noite, ouviu-se o ruído da nossa Ford. Era mais um grupo de vendedores que olhavam e sorriam, querendo colher algo de novo, mas só colheram o jantar.

E assim éramos mais, «em pouco tempo éramos milhões» e formámos um grupo. Mas não foi tudo! No dia seguinte, o Neutel também quis juntar-se. E os dias foram passando com o sol a acompanhar e uns peixinhos que os pescadores nos trouxeram do mar. Até que o dia trinta apitou e... lá foram os de catorze anos de idade até ao mais velho colher batatas e limpar a vinha, em Miranda do Corvo.

No dia um — porque o ano escolar terminara — eram mais «Batatinhas», mais elementos a somar ao grupo. No sábado, à noite, chegam os que tinham ido colher batatas, mas o grupo era mais numeroso e assim as camas ficaram ocupadas, tudo repleto.

— Tomem cobertores e lençóis...

— Tu dormes nesta cama...

— Tu naquela...

Nem tudo ficou concluído, porque, mais tarde ainda, chega o Joaquim Augusto. Tivemos de ocupar a casa dos casais...

Se o cantor Roberto Carlos não se importasse, até cantaria para nós «A guerra dos meninos». Enfim,



Carlos Alberto

RETALHOS DE VIDA

«Cabeças»



Eu chamo-me Francisco José Sousa Semião Guerreiro. Tenho 16 anos e sou natural de Alfarrobeiras, concelho de Albufeira.

Eu vim para a Casa do Gaiato de Setúbal porque a minha mãe abandonou-me a mim e a mais quatro irmãos; mas, aqui, só estou eu e mais um que se chama Silvério.

Nós vivíamos com o meu pai. Então as pessoas viam que nós não tínhamos condições para viver com ele. Essas pessoas pediram para nós irmos para a Casa do Gaiato. Sou estudante no 2.º ano da Telescola e também sou vendedor de O GAIATO. Quando acabar os meus estudos, penso ser tipógrafo porque é uma profissão que eu gosto de aprender.

Um abraço para os leitores d'O GAIATO e para as pessoas que o assinam, do

Francisco

Pai Américo

Cont. da 1.ª pág.

Não assim os idealistas, posto empolgados por valores autênticos, como a justiça e a verdade; e generosos e bem intencionados! Acabam sempre por dividir, por pôr homens contra homens e se colocarem eles mesmos do lado de uns contra os outros. Isto não é evangélico. Diria mesmo: é contra o Evangelho.

Quando o Senhor, após Seu desafio sem resposta ao jovem rico, ansioso da Vida eterna, triste Ele também, diz, não como quem condena mas sim

completaria o começo das nossas férias...

Quando esta crónica estiver diante dos vossos olhos, já muitos passaram suas férias; outros quase a terminá-las. E assim muitas coisas se passaram...

As gentes da Praia de Mira já deram sinais de nos conhecer melhor, desde que viemos fazer a nossa Festa a este lugar, pela Igreja que se constrói: Os sorrisos, os olhares, enfim, já nos acolhem com mais amor e carinho.

Foi o diálogo, o contacto mais aberto e próximo que deram maior confiança e acolhimento. O ser humano não vive só, precisa de viver em grupo, precisa de paz e de amor.

Não vínhamos com a intenção de nos conhecerem melhor, mas dar-lhes algo de nós, entusiasmá-los no empenho do seu fervor por um templo maior e mais acolhedor. Que assim seja, e que este centro seja o caminho das suas vidas; lugar de arranque de cada semana, para que não desanimem e se entusiasmem com o Amor de Deus.

Aos senhores leitores desejo boas férias.

Guido

advertir, que «é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus», logo esclarece a interrogação estupefacta dos Seus discípulos — «Quem pode então salvar-se?» — dizendo-lhes: «Aos homens é impossível mas a Deus tudo é possível».

Vamos dizer nós o contrário?... Ou esperamos contra toda a esperança?...

Quem ousará negar a opção que Pai Américo fez pelos Pobres?, agora que tanta jactância se ouve a este respeito! Quem, no nosso tempo e na nossa terra, entendeu melhor e amou mais efectivamente os Pequenos e mais foi compreendido e amado por eles? E não lhe foi preciso dividir os homens em classes! A paixão da Unidade que consumiu o Coração do Mestre é a força motriz do verdadeiro discípulo.

Pai Américo acreditou no Senhor do Impossível e por Ele acreditou nos homens. No serviço dos Pobres — sua consagração — mobilizou os ricos, os remediados e também os pobres. Uniu muitos homens na compaixão de Cristo pelas multidões desgarradas como ovelhas famintas por falta de pastor. Não mudou a face da terra, mas foi um sopro renovador do Espírito. Educou muitos na Fé para um comportamento consequente no Amor. Foi um profeta.

Padre Carlos

O Jubileu da Sociedade de S. Vicente de Paulo

A Sociedade de S. Vicente de Paulo vive um ciclo jubilar, a nível mundial: Há 150 anos, na cidade de Paris, em conturbada época da História, Frederico Ozanam funda a primeira Conferência Vicentina — que testemunha os perenes valores do Evangelho junto dos Pobres e Oprimidos — e, como bola de neve, a Obra espalha-se pelo Mundo inteiro e abre horizontes à acção específica dos leigos cristãos na pastoral da Igreja Universal.

Celebra-se agora, também, o 125.º aniversário da fundação da primeira Conferência Vicentina portuguesa, em Lisboa; e, ainda, o 75.º aniversário da instituição do Conselho Superior Masculino, no Porto, transferido depois para a Capital, e que após a recente fusão com o congénere feminino deu lugar ao actual Conselho Nacional português da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

O programa das comemorações jubilares serve de reflexão e estímulo aos vicentinos portugueses, até porque — segundo a «Escalada» do mês de Junho — somos «o País de maior densidade vicentina em todo o Mundo, quer quanto a número de Conferências quer

quanto ao número de vicentinos activos, em termos relativos. Ou, se o não é, é sem dúvida um dos primeiros nesses aspectos».

O GAIATO dá graças a Deus pelas efemérides, na medida em que, além do mais, a presença e acção dos recoveiros dos Pobres, a partir da década de 50, marcam lugar privilegiado na alma de Pai Américo, como sublinha no OVO DE COLOMBO:

«Mesmo de entre aqueles que guardavam o sonho (de levantar moradias para os Pobres) sem possibilidades de o materializar, também estes e sobretudo estes constroem casas, dando para elas a incrível força da sua alegria interior. Estes tais abrigam Jesus de Nazaré, o Filho do Carpinteiro: «Andava por lá a dormir nos bairros de latas e tu deste-Me uma casa para Eu morar».

Todos os dias, à hora do correio, abrimos cartas apaixonadas, dos apaixonados. Uns a comunicar que já estão a erguer moradias; outros alegrando-se do que se está vendo em Portugal. Ora tudo isto é construir. Sobretudo as Conferências de S. Vicente de Paulo. Elas são o rastilho. Os seus

confrades são pessoas aptas, porque conhecem e amam. Amam este problema. Amar significa fazer. E aí temos nós o delírio. Procedendo assim, estão os confrades com a Igreja, com o Papa. Por muitas maneiras e em muitas circunstâncias tem Ele encarecido aos cristãos do Mundo inteiro esta necessidade tão aguda como o pão.»

É a mensagem, um fraternal abraço de Pai Américo — com marca de eternidade — para os vicentinos portugueses, com particular incidência nesta hora jubilar da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Júlio Mendes

DOCTRINA

● Deus, na Sua misericórdia sem limites, salvamos sem nos consultar. O mal que nos fazem, é neutralizado pelo bem que os outros praticam; e tudo isto é lei do Amor.

● Generosidade! O dinheiro serve só e unicamente para fazermos com ele amigos que nos recebam amanhã na Eternidade! Tudo o mais é vaidade. Dê-lo o Evangelho, revelado há um mundo de anos pelo Missionário do Padre Eterno — e ninguém, até hoje, disse melhor.

● Quem passa por sobre a miséria dos mais sem olhar para ela, toca na letra do sétimo Mandamento — não furtar. E furta todo aquele que, indevidamente, retém em sua casa, à sua mesa, o pão dos necessitados.

● Em dias de naufrágio, ninguém fique quedo! Salvai-vos... salvando. Vivei como pobres para acudir aos Pobres.

● Doentes novos, com males sem cura e semblantes de Paz, verdadeiros sacerdotes sem ordens sacras, a celebrar quotidianamente, de braço-dado com o Sacerdote Eterno (sem Ele, nada!), o sacrifício da própria vida e a continuar na Terra os passos do Redentor — toda a Obra dum Deus que desce até aos homens para que os homens possam ir até Ele.

● Se os moribundos pudessem dizer aos que ficam aquilo que vêem quando já não vêem nada e aquilo que ouvem quando já não ouvem nada!... O «deixa ficar tudo e dá-Me contas», é todo o mistério da morte.

Padre Abel

Reflectindo

Os nossos estudantes entram de férias. Acaba um ano lectivo, mais ou menos risonho, consoante a forma como foi vivido e aproveitado.

Muitas pessoas que nos visitam mostram interesse em saber como se processa a nossa vida escolar. Partindo do princípio que esse interesse se estende a grande parte dos nossos leitores, trago hoje, aqui, algumas pinceladas sobre o assunto.

Começamos pelos mais pequenos: Desde há alguns anos, temos a funcionar, em nossa Casa, um Jardim Infantil, sob a responsabilidade de alunos (estagiários) do Magistério Primário de Penafiel. Assim, os nossos «Batatinhas» preparam-se para a vida escolar.

Segue-se, naturalmente, a Escola Primária. Professores oficiais vêm, todos os dias, dar aulas aos nossos rapazes. As características da maior parte destes exigem dos professores uma verdadeira vontade de ensinar, de os ajudar, já que muitas razões — que têm a ver com os seus problemas familiares e afectivos — tornam difícil a aprendizagem. Como disse, isto acontece na maior parte dos casos. Os outros, as excepções, mais uma vez, confirmam a regra.

Para aqueles que já ultrapassaram a barreira da quarta classe, podem ainda, em Casa, dar o passo seguinte, pois temos um Posto da Telescola que ser-

ve não apenas os nossos, mas também os vizinhos.

Ultrapassados estes três níveis de escolaridade, põe-se um problema: quem deverá continuar a estudar? A resposta vamos procurá-la ao comportamento escolar dos anos anteriores: Aqueles que mostraram capacidade e vontade, transitam para o Liceu, até onde forem capazes de caminhar, mostrando aproveitamento. Os que não vão para o Liceu, chegam à altura de escolher a sua profissão para melhor fundamentarem a sua opção: Fazem testes de orientação profissional, e começam a formação profissional dentro do ramo escolhido. Não lhes ficam, porém, vedadas as possibilidades de continuarem a estudar. Todos os dias, depois do jantar, a nossa carrinha leva trabalhadores-estudantes à Escola Secundária de Penafiel para valorizarem a sua formação profissional.

Todos os encarregados de educação sabem quais as dores... à chegada das notas, do aproximar do fim do ano. Problema também nosso! Gostaríamos, no entanto, que os resultados fossem melhores; aceitamos, porém, o andamento escolar, naturalmente lento, atendendo à limitada capacidade de muitos deles por carências da infância. Além de sofrerem por aqueles que — por sua culpa — não vão tão longe quanto poderiam ir!

TRIBUNA DE COIMBRA

● Este menino encantador, todos os dias tem uma novidade para me trazer. Hoje, com os olhos a sorrir de espanto, vem dizer-me: «Olhe, muitos mijaram na cama e dormiram no chão. Eu não mijo».

Ele tem quatro anos e aos dois foi entregue, pelo Tribunal, à avó que é idosa e tem de mendigar o pão e os remédios. A mãe anda pelas ruas e o pai está na prisão.

Ontem, à beira-mar, ficou muito admirado de eu não ir logo tomar banho; pegou na minha mão e brincámos na água salgada e encontrámos muitas conchas e pedrinhas. À tarde, andou no nosso barco e vinha delirante.

Que esta nossa família — à qual agora pertence — o saiba educar a não mijar na cama, como fazem muitos já grandes, e o ensine a dominar os instintos naturais para que não venha a ser vadio das ruas ou mais um das nossas prisões.

● Telefonou e uma hora depois estava em nossa Casa. Trazia uma lista de Casas dedicadas ao bem-comum, especialmente dedicadas a crian-

ças e a doentes. Conversámos durante muito tempo. Já nos conhecíamos.

Este homem todos os anos procura distribuir parte dos seus rendimentos. Apesar da idade já avançada, é homem de trabalho e muito económico. Fica com o suficiente para as suas despesas e o resto não lhe pertence. Ele mesmo gosta de ir entregar e contactar. É critério de homem-cristão que quer ser.

Fez-me bem o encontro com este homem — com toda a sua vida de trabalho.

Não quer deixar bens amontoados à hora da morte. Viver a vida e não gozar a vida. Quer ser acompanhado pelas boas obras — quando chegar junto de Deus para o primeiro julgamento. Viver preocupado com a vida dos Outros. Apreciéi, ainda, mais este encontro de alma do que o cheque que me deixou nas mãos.

● Esta mãe, de cor escura, vinha guiada pelo Zeca, que veio de pequenino para a nossa Casa e não via nada dum dos olhos e do outro pouco via. Com alimentação

e remédios, Zeca hoje vê dos dois olhos. Esta mãe africana veio, há três meses, de Angola. É mãe solteira e trouxe consigo seis filhinhos. Alguns já foram recebidos por pessoas amigas que ela conhecia, de Angola, mas tem dois meninos que ainda não têm lugar.

O falar, a expressão e a sua figura diziam dos seus nervos doentes e do seu coração a querer parar. Falou dos tormentos por que têm passado. As terras que percorreram. A fome. A doença. A guerra.

Foi tão delicada no falar! Foi tão humilde no pedir! Foi tão confiante no esperar!

Esta mulher-mãe-solteira vai continuar a percorrer terras. Vai continuar a passar fome. Vai continuar preocupada com o parar do seu coração. Vai continuar a mendigar lugar para os seus filhos. Vai continuar com a guerra dentro de si, vendo tantos e tantos «senhores» instalados nos seus tronos, sem atenderem aos que passam algemados...!

Padre Horácio

Algumas destas presenças são, já, de há bastante tempo. É quase impossível enumerar tudo o que nos dão a tempo e horas! Umhas vezes por falta de espaço no «Famoso», outras vezes por falta de oportunidade para escrever esta nota.

Hoje, começamos pela entrega de 50.000\$00 do assinante 9682, de Lisboa, produto de ofertas colhidas de várias pessoas em honra de Pai Américo. Entregue à D. Sofia: um envelope com uma dezena de contos. Fernanda, de Vouzeira, com 100\$. Familiar do nosso Padre Moura, 100.000\$00 — parte que nos coube dum prémio da lotaria. D. Viviane, 50.000\$. Funcionários dos T.L.P.; 600\$. Mais 200\$ de «uma velha assinante» com palavras cheias de amor. Orquídea, várias presenças de mil. Crianças de um jardim infantil: 3.000\$00 e lambarices para os nossos pequeninos. Estudantes universitários entregaram, no Espelho da Moda, 5.000\$00. Promessa ao Menino Jesus, 500\$. Por alma de Maria Frederico, 500\$. Muitas presenças no nosso Lar do Porto. Marido, por alma da esposa querida, 150\$. De quem precisa para os que também precisam, 100\$00. Novamente, no Lar, uma anónima com 200\$, mais 500\$ e mais 300\$.

«A Sementeira», da Rua Mou-

Do que nós necessitamos

zinho da Silveira, Porto, um nunca mais acabar de sementes para os nossos campos e sempre com a porta aberta para quando quisermos ir por mais! Delfim Direito, um óbulo e palavras muito amigas. Os alunos, empregadas e professoras da Escola de Baguim, 3.000\$. Anónima, de Aveiro, 3.500\$. De Ferragudo, 1.000\$. Mais mil, de V. Custódio. Berta Camões e marido, 2.000\$. Marieta, de Almada, 500\$. Crianças da Catequese de S. Cosme (Gondomar), 17.250\$00. De ano para ano as excursões escolares aumentam! Vêm ver como é o nosso viver e gostam. A pedagogia de Pai Américo continua a dar resultado! O nosso Faustino deixou 1.000\$ à Senhora do Lar do Porto. Do Lar de Santa Cruz, Braga, várias vezes e de diversas pessoas, têm chegado contributos. É a terceira idade preocupada com a juventude. Aqui se pode provar o valor das leis que devem proteger os idosos pelas oportunidades que dão às almas... Johanesburgo, 10 rands do assinante 19.310 — para os nossos mais pequeninos. Quem de tão longe lembra estes nossos «Batatinhas» é bom que saiba que o Lito, de 3 aninhos, alegra as dependências da nossa casa-mãe com os seus cantares cristalinos. Se não fosse a vossa Amizade, como cantaríamos os «Batatinhas»!?

Fernando Dias

● Da terra do «Quicas» veio uma excursão visitá-lo. Ele foi o cicerone. Na despedida, o seu pároco, e amigo, quis fazer-lhe esta pergunta: «Tu queres ficar aqui ou ir connosco?» Sem hesitar, diz que quer ficar. Mas as lágrimas começam a saltar-lhe, dos olhos, com toda a força! Alguns dos seus conterrâneos ficam na dúvida: se o «Quicas» chorou por recear que o levassem embora ou por saudades da sua terra. Não! Aquelas lágrimas eram só saudades. Foi ele que me disse: «Gosto de estar aqui, mas ainda tenho saudades»...

Este advérbio **ainda** tem uma força de vida ou de morte. É o centro de uma luta que se trava lá nas franjas mais escondidas do coração deste pequeno ser humano. Hoje, viu-se o sangue do combate. Lágrimas... de saudades, de tanta coisa! Das ruas e noitadas, dos cigarros e bebidas. Até do abandono... E também de alguém que lhe quis bem. Tudo! Aquele chorar foi um momento alto para as gentes da terra do «Quicas» que iam a caminho de Fátima... Oxalá!

● Nas férias de Verão é a altura de fazermos as substituições de alguns dos nossos vendedores d'O GALATO. Assim, «Macieirinha» deixou de ir com o Carlotos a Aveiro e vem substituir o «Tomate», na zona do Marquês — Porto. Mas houve logo azar no primeiro dia: O «Tomate» chega a casa a chorar porque se tinha perdido dele! Ele — o culpado! Por isso, e por tudo o mais, chorava de preocupação. Mandamos três deles à procura do «Macieirinha», que, do Porto, só conhecia S. Bento. Em vão! Só S. Bento lhe valeria... De lá já sabia o caminho para o Lar. Assim fez — sem dar a co-

nhecer a ninguém o que lhe acontecera! Eles, habituados a tanta perdição desde pequenos, vão criando hábitos para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Eles, ao cuidarem uns dos outros, habituam-se a sofrer uns pelos outros. A isto chama-se também Amor. Por excelência!

● De vez em quando temos, aqui, casos mais graves de roubos; de gente de casa, que não de fora, graças a Deus! É o caso do «Cebolinha». Pequeno de corpo, e com doze anos de idade; já (ainda) é capaz de meter a mão na bolsa da senhora da limpeza das Escolas e, pela segunda vez, roubar-lhe dinheiro! Seja mil ou cinco mil! Ela é tão amiga dos nossos rapazes, talvez por ver neles os seus filhos, pequeninos também e já órfãos de pai! Tanto mais grave...

«Cebolinha» é chamado a contas. Diante dos colegas de Escola é o suspeito número um — e nega que o seja! Do grupo de companheiros levantam-se as vozes mais altas do mundo — da razão, da verdade, do amor — convidando-o a ser sincero. Nada! A voz do mal, ainda que só, grita alto também. Aqui e nos cinco continentes da Terra!

Assim, começamos o pequeno tribunal para castigar a falta deste ainda pequeno-homem que começa a ser grande... Todos os presentes admirados pela coragem da negação continuada. E a pressão

continua até que o «Cebolinha» diz, sem confessar: «**Eu vou procurar o dinheiro, mas não fui eu.**»

E foi!... Com ele, mandámos Serafim e Lourencito que, levados por ele, foram direitinhos ao canto da Escola, onde, no chão, estava o dinheiro... à espera da ocasião de ser recolhido. Lourencito descobriu-o quando «Cebolinha» se preparava para o calçar aos pés, escondendo-o. O que as mãos roubaram é pisado pelos pés!

Eis o mistério das contradições da fraqueza humana! «Cebolinha» quereria procurar ocultar e continuar a negar! Aqui está o pior mal: a cegueira, a surdez, a insensibilidade. Ninguém acredita...

O caso, sério demais, é levado até às últimas consequências. Por isto e pelo apelo dos companheiros — «**diz a verdade que é melhor**» — «Cebolinha», então, confessa: «**Fui eu!**» O Serafim desabafa imediatamente: «**Que seca de uma hora...!**»

Queria dizer que foram precisos milhares de segundos a mentir para um de verdade! Contudo, soube bem melhor este único e martirizado segundo, do que aqueles milhares deles. Para encontrar um, deixam-se os outros...

Assim é que é a Lei do Mandamento Novo!

Assim é que é o «Cebolinha»! Depois das **contas** do tribunal, pela perda de algumas liberdades, dissemos que a ami-

zade e a confiança dos outros é a coisa de que ele mais precisa. O caminho seguido era errado. Daí as barreiras que se lhe pôs... para ver o outro caminho — o do Bem!

● Outro caso de suspeita — que não do «Cebolinha» — de outro género, de outras espécies: Uma vaquinha cuja doença talvez seja peripneumonia — assim julgou o veterinário. A ser verdade, a nossa vacaria pode desaparecer de um momento para o outro! Aqui, a nosso lado, assim tem acontecido. Pequenos lavradores — cujos rendimentos dependiam só, ou quase só, dos lucros do leite e da carne do gado — ficaram de um dia para o outro sem a matéria-prima que lhes fornecia o pão do dia-a-dia! Também nós poderemos ficar sem o leitinho: da manhã para beber, o da tarde para vender; sem vitelinhos para tratar — delícia do «Laranja» e do «Lando»; sem vaquinhas que são a razão de tudo isso! Porque? É doença contagiosa, incurável! Importada por

pessoas cuja liberdade de acção e inconsciência são ilimitadas...! Neste caso, a Liberdade devia ter um limite sem tréguas, com fronteiras — um dever de quem está investido de autoridade. Por isso, vamos todos ser condenados; prejuízo de todo um povo que vai pagando, cada vez mais caro, todos os erros de abuso da Liberdade!

Até as nossas vaquinhas sofrem, no corpo, a desordem moral da corrupção humana que alguma gatinha faz — sem medo de ninguém!

A minha frente tenho um jornal diário. Uma voz, do Alto Minho, chama a atenção para o problema, que é de todos! Parece-me uma voz a bradar no deserto... deste País, pequenino, cujas areias são um lugar encantador para se estar ao sol.

Não acho que mereçamos mais este castigo. Muito menos, as nossas vaquinhas!

Padre Moura

Partilhando



Director: Padre Palmiro
Redacção e Administração: Casa do Galato - 4560 PACO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato - Paco de Sousa